



Celso Ming celso.ming@estadao.com

Exuberância das contas externas

Quando a saúde vai bem, ninguém nota. Alguém por acaso se preocupa com os pulmões se a respiração é boa? Assim, também, na economia.

As contas externas são o caso do momento. As grandes crises dos anos 1970 e 1980 impuseram grande impacto negativo no balanço de pagamentos. Não havia moeda estrangeira para honrar as contas lá fora, o País quebrou em dólares, foram as crises da dívida externa, um pandemônio.

Mas, agora, o balanço de pagamentos está uma beleza, os pulmões da economia funcionando, sobram dólares, as reservas correspondem a 16 meses de importação. Ao contrá-

rio do que aconteceu na Argentina, ninguém por aqui se preocupa com a dívida externa.

A balança comercial, na qual ficam registradas exportações e importações, teve um enorme superávit no ano passado, de US\$ 80,5 bilhões, graças ao vigor das exportações que avançaram 1,2% no ano, para US\$ 344 bilhões – as mais altas da história, e, em parte, ao recuo de 10,9% das importações. Foi excelente ano para as vendas externas de commodities (soja, milho, petróleo e minério de ferro). Por trás do sucesso está a enorme demanda por commodities brasileiras acionada pela China.

Os Serviços, em que são contabilizados transportes, aluguéis, seguros, viagens, tive-

CONTAS EXTERNAS

BALANÇA DE PAGAMENTOS DO BRASIL
EM BILHÕES DE DÓLARES

	2022	2023
TRANSAÇÕES CORRENTES	-48,3	-28,6
BALANÇA COMERCIAL	44,2	80,5
EXPORTAÇÕES	340,3	344,4
IMPORTAÇÕES	296,2	263,9
SERVIÇOS	-39,6	-37,6
RENTA PRIMÁRIA	-56,5	-72,4
RENTA SECUNDÁRIA	3,7	0,9
CONTA FINANCEIRA	-46,8	-30,9
INVESTIMENTO	74,6	62,0
DIRETO NO PAÍS		

FONTE: BANCO CENTRAL, INFOGRÁFICO: ESTADO

ram um déficit de US\$ 37,6 bilhões, recuo anual de 5,1%.

A outra conta, Renda Primá-

ria (dividendos e juros), apresentou déficit de US\$ 72,4 bilhões.

Ou seja, as Contas Correntes (que registram entrada e saída de dólares com mercadorias, serviços e rendas) foram negativas em apenas US\$ 28,6 bilhões, ou 1,3% do PIB, largamente compensadas pela entrada de capitais.

Nesse item, a maior decepção foi a da entrada líquida de investimentos estrangeiros. Os Investimentos Diretos no País somaram apenas US\$ 61,9 bilhões, queda de 17% em relação a 2022, quando o total chegou a US\$ 74,6 bilhões. No início de 2023, a expectativa era a de que seriam US\$ 80 bilhões. Em parte, essa frustração pode ser explicada pelo início do ciclo de redução dos juros e, portanto, da redução da

diferença entre juros internos e externos, que desestimulou a entrada de capitais de curto prazo.

Mas a exuberância das contas externas, especialmente da balança comercial, confere uma tranquilidade extra para o desempenho da economia.

Uma observação final: as crises das décadas de 1970 e 1980 se manifestaram mais duramente como escassez de moeda estrangeira (fuga de dólares), mas o problema de fundo era fiscal: incapacidade de pagar as contas públicas, preponderantemente em moeda estrangeira. Hoje, o problema fiscal continua aí, mas a maior parte do rombo está em moeda nacional. ●

COMENTARISTA DE ECONOMIA

Indicadores Balanço

Dívida pública sobe em dezembro e alcança 74,3% do PIB, diz Banco Central

Déficit primário chega a 2,29% das riquezas produzidas pelo País; indicador é referência para agências de classificação de risco

EDUARDO RODRIGUES
CELIA FROUFE
BRASÍLIA

A dívida pública brasileira subiu no final de 2023. Dados divulgados ontem pelo Banco Central (BC) mostram que a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) ficou em R\$ 8,079 trilhões em dezembro, o que representa 74,3% do Produto Interno Bruto (PIB), ante 73,8% em novembro.

Segundo o BC, as contas do setor público consolidado – governo central, Estados, municípios e estatais, com exceção de Petrobras e Eletrobras – acumularam um déficit primário (saldo negativo entre receitas e despesas, sem contar os juros da dívida) de R\$ 249,124 bilhões em 2023, o equivalente a 2,29% do PIB, informou o BC. Em 2022, o resultado havia sido positivo em R\$ 125,994 bilhões.

O número fechado do ano passado é diferente do reportado pelo Tesouro Nacional na semana passada, de um déficit primário de R\$ 230,5 bilhões, ou o equivalente a 2,1% do PIB.

Isso ocorre porque a meto-

dologia do BC é diferente da do Tesouro Nacional. O BC não considera como receita, por exemplo, R\$ 26 bilhões de recursos esquecidos em contas do fundo PIS/Pasep.

A Dívida Bruta do Governo Geral – que abrange o governo federal, os governos estaduais e municipais, excluindo o Banco Central e as empresas estatais – é uma das referências para avaliação, por parte das agências globais de classificação de ris-

menores do que os da dívida bruta porque leva em consideração as reservas internacionais do País.

O chefe do Departamento de Estatísticas do Banco Central, Fernando Rocha, informou que o déficit primário de 2023 é o maior da série desde 2020, quando somou R\$ 702,940 bilhões (9,24% do PIB). Naquele ano, lembrou o técnico, foram criadas várias medidas pelo governo para tentar minimizar os impactos econômicos e sociais da pandemia de coronavírus.

Rocha afirmou que o pagamento de precatórios (dívidas judiciais da União) pelo governo determinado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) impactou fortemente o resultado fiscal de dezembro de 2023, assim como interferiu no déficit acumulado do ano. Ele lembrou que essa conta de precatórios foi responsável pela geração de R\$ 92,4 bilhões em déficit primário. Em dezembro, o rombo fiscal ficou em R\$ 129,573 bilhões.

O déficit fiscal no ano passado ocorreu na esteira do saldo negativo de R\$ 264,533 bilhões do governo central (2,43% do PIB). Os governos regionais (Estados e municípios) apresentaram um superávit de R\$ 17,678 bilhões (0,16% do PIB) no período. ●

Método
Número fechado do ano pelo BC é diferente do divulgado pelo governo em razão da metodologia

co, da capacidade de solvência do País. Na prática, quanto maior a dívida, maior o risco de calote por parte do Brasil.

PICOS. O pico da série da dívida bruta mensal foi alcançado em dezembro de 2020 (87,6%), em virtude das medidas fiscais adotadas no início da pandemia de covid-19. No melhor momento, em dezembro de 2013, a dívida bruta chegou a 51,5% do PIB.

A Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) também aumentou no último mês de 2023, para 60,8% do PIB, ante 59,5% em novembro. A DLSP atingiu R\$ 6,612 trilhões. A dívida líquida apresenta valores

Para Campos Neto, 'é importante' o governo perseguir déficit zero

MARIANNA GUALTER
SÃO PAULO
EDUARDO RODRIGUES
BRASÍLIA

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, disse ontem que o governo tem de continuar a perseguir a meta de resultado primário zero, ainda que seja difícil alcançá-la. “É importante sempre o equilíbrio entre receitas e gastos, a gente vê que o governo está fazendo uma força”, disse. “É muito importante porque tem conexão direta com a taxa de juros e com o processo de queda da taxa de juros.” Campos Neto participou do evento Blue Connections, promovido pelo site Meio & Mensagem.

A meta de resultado primário (receitas menos despesas, sem contar o pagamento dos juros da dívida pública) para este ano é zero, de acordo com o novo arcabouço fiscal aprovado no ano passado. No entanto, a estimativa é considerada pelo mercado como muito difícil de ser alcançada.

Campos Neto disse também que o Brasil, na comparação com os outros emergentes, tem o menor diferencial entre a taxa real de juros e a neutra (que não acelera nem freia a economia). “O que importa para saber se (a taxa real) tem eficiência ou não no controle da inflação é qual a diferença da taxa para a taxa neutra. Se está acima está freando a economia, se está abaixo, estimulando”, disse. Para ele, a taxa de juros real no Brasil é realmente bastante

alta, mas a taxa neutra também, por questões estruturais.

INFLAÇÃO. De acordo com Campos Neto, a inflação de serviços apresentou ligeira piora nas últimas leituras, mas continua dentro do esperado para o processo de convergência. Segundo ele, a inflação de serviços estava caindo em uma velocidade maior do que o esperado, e o BC está tentando identificar, na piora recente dos núcleos, o que deriva de serviços intensivos em mão de obra.

Segundo o presidente do BC, questão dos eventos climáticos está no radar do BC, pelos impactos nos preços.

Consequência
Presidente do BC afirma que contas públicas em ordem têm relação direta com queda na taxa de juros

Em relação à inflação global, o presidente do BC afirmou que é difícil imaginar que vá cair mais sem uma queda exatante da inflação de serviços. Ele associou a inflação relativamente alta de serviços no mundo ao cenário do mercado de trabalho apertado.

Campos Neto ponderou que cada país tem um peso para serviços, mas que, em geral, a inflação do grupo está bastante resiliente. “No mundo emergente está meio embolado, mas com alguns países já no padrão histórico, até um pouco melhor. No mundo avançado, não”, disse. ●